**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SENSAÇÃO (*AÍSTHESIS*) NA FILOSOFIA DE EPICURO[[1]](#footnote-1)**

Marcos Roberto Damásio da Silva[[2]](#footnote-2)

**resumo:** O presente artigo vislumbra tecer algumas considerações sobre o papel da sensação (*aísthesis*) na gnosiologia (teoria do conhecimento) epicúrea e discute como Epicuro explica a possibilidade de aquisição do conhecimento seguro. Para a obtenção do sucesso deste trabalho, utilizar-se-á como principal fonte bibliográfica a *Carta a Heródoto* onde sua *physiología* é apresentada de forma privilegiada.

**Palavras-chave:** Sensação. Gnosiologia. *Physiología*. Carta a Heródoto.

Embora seja a *Carta a Heródoto* (s. IV a. C.) um texto extremamente compacto do ponto de vista de uma gnosiologia, – isto por ser um “compêndio de toda a doutrina” (*epítomén tès hóles pragmáteías*[[3]](#footnote-3)) –, ainda é possível extrair dela informações que levam o leitor mais atento a afirmar que o mundo (*kósmos*) afeta constantemente o homem, fornecendo assim a possibilidade de um conhecimento assegurado de toda a realidade sensível. Este conhecimento é atestado mediante as emanações (*apórroiai*) dos átomos que compõem todo o universo aparente e que se lançam sem uma direção definida ao espaço vazio (*chóra kenón*). Portanto, a gnosiologia apresentada pela filosofia de Epicuro, ainda nos moldes da antiga ontologia pré-socráticos, privilegia a sensação (*aísthesis*) enquanto um “critério da verdade”[[4]](#footnote-4).

Para Epicuro, os sentidos, isto é, os cinco órgãos sensoriais que possibilitam a percepção do mundo, têm papel fundamental em seu sistema filosófico. A importância da *aísthesis* é tão pertinente em sua *canônica* que todo conhecimento parte dela e só se confirma (*martýrion*) por intermédio dela, logo, neste sentido, pode se afirmar que a sensação tem um domínio absoluto do verdadeiro, uma vez que fundamenta a realidade sensível, pela introjeção (*eisbolé*) do que é externo a ela, e é onde o entendimento busca fundamenta seus princípios. Afirma Epicuro:

Portanto, devemos nos ater em todo caso às nossas sensações, e particularmente às projeções presentes (em nós), [...] e do mesmo modo a nossos sentimentos existentes, para que possamos nos referir a esses sinais tanto o que aguarda confirmação como o não evidente (a percepção sensível).[[5]](#footnote-5)

A primeira e mais importante informação sobre a faculdade da sensibilidade é fornecida pelo próprio Diógenes Laércio (s. III d. C.) no *livro X*, dedicado exclusivamente a Epicuro, de sua obra *Vidas e obras dos filósofos ilustres*, ao se referir à sensação (*aísthesis*) como “irracional” (*álogon*) e incapaz de produzir memória (*mnémes*). Escreve Diógenes Laércio: “toda sensação é irracional e não participa da memória”[[6]](#footnote-6). Segundo Diógenes Laércio, Epicuro reivindica uma validade “objetiva” da sensação, isto é, as sensações são sempre verdadeiras, não podendo ser de outra forma porque, em última análise, toda sensação é produzida objetivamente, ou seja, tem seu ponto de partida em algo externo ao sujeito e provocam afecções que dão origem às percepções sensíveis. Esta convicção é atestada no conjunto da própria obra de Epicuro, mais precisamente nas *Máximas Capitais*: “se te opuseres a todas as sensações, não terás sequer um ponto de referência para julgar as que consideram falsas”.[[7]](#footnote-7)

No processo da percepção sensível, a sensação, por exemplo, pode apenas ser produzida na presença de algo, mas de tal percepção nada pode ser dito ou acrescentado, a não ser que algo foi sentido, permanecendo, assim, num mecanismo de percepção não discursivo (*álogon*). Este mecanismo “irracional” da sensação é o que põe a relação do sujeito percipiente com o particular (*hékastos*)[[8]](#footnote-8), isto é, o ente percebido.

A sensação não pode, em hipótese alguma, ser enganosa ou mentirosa, isto se deve a seu caráter central e objetivo dentro do processo cognitivo. Uma sensação também não pode ser tomada como uma mera opinião (*dóxa*), porque ela não é uma simples construção do sujeito que a percebe, ou seja, uma construção meramente subjetiva. Sua função inicial – o desprendimento somático que afeta os órgãos dos sentidos – é inteiramente desencadeada independentemente de quem a percebe, não obstante sem ela não haver uma “completação” do processo cognitivo. Tal asserção é confirmada pelo caráter evidente que assumem as sensações: “a existência de percepções [*epaisthémata*] efetivas garante a verdade das sensações [*aisthéseon alétheian*]; pois tão efetivamente dá-se o fato de que vemos e ouvimos, como também de que sentimos dores”[[9]](#footnote-9). A sensação é, portanto, citando as palavras de Jean Brun, “um dado bruto” (BRUN, 1987, p. 44) da realidade, isto é, o que não se pode rejeitar. Nas palavras de Epicuro, a oposição (*máche*, na *Máxima XXIII*) a qualquer sensação leva à invalidação de todas as outras, caindo por terra toda e qualquer pretensão de estabelecimento de um “critério de juízo”:

Se recusares [*ekbaleis*] qualquer sensação sem distinguir o que se deve à opinião, e o que se espera confirmação [*epimartýresin*], o que está presente na sensação e nos sentimentos, e em qualquer projeção imaginativa do entendimento, acabará confundindo também as demais sensações com a vã opinião ao ponto de derrubar qualquer critério de juízo. Pelo contrário, se afirmas com segurança também o que for posto nas representações imaginativas e o que não há recebido confirmação, não evitarás o erro. Porque estarás guardando uma total ambigüidade em qualquer deliberação sobre o correto e o incorreto.[[10]](#footnote-10)

Este critério (*kritérion*), que aparece como próprio da faculdade de julgar, garante ao investigador da *phýsis*, ou ao *physiologós*, chegar ao conhecimento testificado (*epimartyría*), evitando cair em possíveis erros. Segundo Epicuro, o erro (*diemarteménon*) ocorre quando a investigação (*zetoúmenon*) tem por fundamento o que ele chama de “noções vazias” (*kenón dóxai*[[11]](#footnote-11)) e infundadas, carentes de “projeções presentes” (*paroúsas epibolé*), isto é, quando as apreensões não são sensíveis, sendo apenas expressadas pelo sujeito cognoscente. No entanto, uma vez que só a opinião pode cair em erros, e nunca uma sensação, verifica-se, pois, a validade “objetiva” da sensação. Consequentemente, verifica-se também que não se pode extrair da mera opinião (*dóxa*) nenhum critério de verdade. Portanto, afirma Diógenes Laércio:

Se [a opinião] é confirmada por outros testemunhos e não resulta contraditada por nenhuma outra é verdadeira. Pois se não é confirmada por testemunhos e é contraditada, resulta falsa. Por isso introduziram a qualificação de ‘em espera’ [*prosménon*], por exemplo, na espera de aproximar-se à torre e conhecer como ela é de perto[[12]](#footnote-12).

A faculdade da sensibilidade aparece bem situada no pensamento de Epicuro. Ao mesmo tempo em que ela é objetiva – como já fora descrita acima, isto é, fornece a certeza – ela é também passiva (*pathetikós*). O fato de que a sensação, num primeiro momento, se origina a partir de algo externo, revela o caráter de passividade que se deve considerar na faculdade da sensibilidade. Ou seja, “uma sensação não se desencadeia por si” (BRUN, 1987, p. 45), “pois nem se move por si mesma nem, movida por outro, é capaz de colocar ou retirar nada”[[13]](#footnote-13). Esse caráter de passividade da faculdade da sensibilidade leva à afirmação de que “nada pode refutá-la”[[14]](#footnote-14). Também Lucrécio atesta essa afirmação: “descobrir-se-á que é pelos sentidos que primeiro se revela a nós o sinal da verdade e que os sentidos não se podem refutar”[[15]](#footnote-15). Diógenes acrescenta: “nenhuma sensação da certa classe refuta outra da mesma classe, por serem equivalentes” nem sensações de classes diferentes se refutam, pois as mesmas não se referem “aos mesmos objetos”[[16]](#footnote-16), em outras palavras, o olho não pode negar (no sentido de opinar, emitir um juízo) o que se lhe apresenta a visão, seria um absurdo negar tal evidência, como também, o paladar não pode refutar o que se percebe pela visão, por ser o paladar de uma classe de sensação diferente da visão.

Se a sensação não podem refutar a si mesma (*autós*), devido a seu caráter evidente (*enárgema*), tão pouco a razão (*lógos*)[[17]](#footnote-17) pode refutar (*dielégksai*) a sensação, por causa de sua dependência ao que é concedido pelos órgãos dos sentidos, logo, “se eles [os sentidos] não são verdadeiros, também a razão se torna inteiramente falsa”[[18]](#footnote-18). Esta afirmação de Lucrécio demonstra claramente a centralidade da sensação na obra de Epicuro, e como ele pensa o entendimento inteiramente dependente (*értetai*) das sensações, “posto que todo raciocínio [*lógos*] é enunciado a partir das sensações”[[19]](#footnote-19). A sensação se apresenta como um processo “irracional” (*álogon[[20]](#footnote-20)*) pertencente à faculdade da sensibilidade, já que não é de sua alçada justificar (*lógos*) seus fundamentos, por essa razão a sensação pertence necessariamente “a um domínio anterior ao da razão” (BRUN, 1987, p. 44).

Portanto, neste particular que se refere à sensação, Epicuro se mantém de acordo com Platão em relação ao processo cognitivo. Para Platão “a alma se serve do corpo” para se relacionar com os particulares (*hékastos*), e afirma: “a única função do corpo é perceber os objetos pelos sentidos”[[21]](#footnote-21). A afirmação de que a faculdade da sensibilidade é a estrutura que torna possível a relação com os particulares, também aproxima Epicuro do pensamente de Aristóteles. No tocante a Aristóteles, ele afirma no início do *livro A* da *Metafísica* que “a experiência é o conhecimento dos particulares, enquanto a arte é o conhecimento dos universais [*kathólou*]”[[22]](#footnote-22), e que tanto o homem quanto os animais compartilham da faculdade da sensibilidade, enquanto os animais se contentam com “imagens sensíveis” (*phantasíai*) e com as “recordações” (*mnémais*), unicamente ao homem, que ama as sensações (*aisthéseon agápesis*), pertencem a técnica e os raciocínios (*téchne kaì logismoí*). Afirma Aristóteles:

ademais, consideramos que nenhuma das sensações seja sapiência. De fato, se as sensações são, por excelência, os instrumentos de conhecimento dos particulares, entretanto, não nos dizem o porquê de nada: não dizem, por exemplo, por que o fogo é quente, apenas assinalam o fato de ele ser quente.[[23]](#footnote-23)

A natureza do “falso” (*pseýdos*) e do “erro” (*diemarteménon*), se origina, na perspectiva de Epicuro, “mediante uma opinião” (*prosdoksizoméno*), afirma ele: “o falso [juízo] e o erro encontram-se no que é colocado pela opinião”[[24]](#footnote-24). Tal afirmação retira da estrita sensação a possibilidade do engano, isto porque, segundo Diógenes Laércio, uma sensação não pode “acrescentar” (*prostheínai*) nem “retirar” (*apheleín*) nada, ou seja, toda o desencadeamento da sensação é algo passivo (*pathetikós*), não podendo o juízo interferir no fato da ocorrência da sensação. Um juízo, por sua vez, só pode ser verdadeiro se, mediante a sensação, houver confirmação ou refutação, nesse sentido as sensações são tidas por Epicuro como “critérios de verdade” (*kritéria tès aletheías*). Cícero entende bem a preocupação de Epicuro com o estabelecimento da sensação como critério da verdade, afirmava ele: “Epicuro temia que se uma sensação se revelasse mentirosa, nenhuma outra poderia mais ser verdadeira. E chamava os sentidos ‘núncios do verdadeiro’”[[25]](#footnote-25).

Uma sensação, portanto, jamais pode errar (*hamartáno*) isso porque não emite nenhum juízo. Tal função é papel do entendimento, que emite juízo mediante o que é sentido. O entendimento (*diánoia*) também não pode emitir juízo verdadeiro sem a atividade dos sentidos, não há relação de independência absoluta. Epicuro expressa claramente que o entendimento não pode operar de forma independente, isto é, “por si mesmo ou por analogia”[[26]](#footnote-26) sem a faculdade da sensibilidade. Os sentidos fornecem ao entendimento a possibilidade de se referir aos objetos, ou representá-los, por isso Epicuro afirma a necessidade de se conjecturar (*tekmaíresthai*) o ainda imperceptivel (*ádelon[[27]](#footnote-27)*), mediante os dados que são fornecidos pelas sensações. O papel da sensação é apresentar o que não pode ser contrafactado, como testemunha Sexto Empírico:

Todas as representações são verdadeiras e com razão. [...] A sensação deve limitar-se a captar o que está presente e a move, como a cor, por exemplo, ela não deve julgar se uma coisa é o objeto em certo lugar, outra o objeto em outro. Por isso as representações são todas verdadeiras.[[28]](#footnote-28)

Tanto a objetividade como a passividade da sensação, inerentes ao processo de conhecimento como um todo, são intrínsecos e constituintes necessários da faculdade da sensibilidade (*aísthesis*), e esta faculdade, por sua vez, está ligada ao todo (*tò pán*), a um mundo exterior que se faz percebido. Nas palavras de Paul Nizan: “Epicuro teve a intuição do mecanismo da percepção, produzida pela ação de um mundo exterior, ativo [...] o princípio é válido e garante a objetividade do conhecimento” (ΝΙΖΑΝ, 1977, p. 105).

Epicuro define uma *imagem* como uma réplica (*týpos*) de um objeto dado à percepção e constituída de forma idêntica [*homoioschémones*] a dos [corpos] sólidos[[29]](#footnote-29). As *imagens*, para a gnosiologia, epicúrea constituem-se como ato e resultado diretos das percepções sensíveis, isto mediante os choques (*sugkroúseos[[30]](#footnote-30)*). Epicuro expressa isso claramente na *Carta a Heródoto*: “essa percepção não poderia realmente verificar-se sem a emissão daquele complexo constante e concorde de propriedades do objeto até nós”[[31]](#footnote-31). A unidade do *todo* (*tò pán*) enquanto “corpos e vazio” (*sómata kai kenón*)[[32]](#footnote-32) é a condição fundamental para que algo seja conhecido. Os corpos (*sóma*) irradiam constantemente réplicas (*typoi*) de si mesmos fornecendo as condições necessárias tanto para as *projeções* (*epibolé*) como também para as *antecipações* (*prolépseis*) das imagens. Nas palavras de Lucrécio: “são eles [os simulacros (*eídolon*)] como películas arrancadas da superfície dos objetos e que voejam de um lado a outro pelos ares; indo ao nosso encontro quando estamos acordados”[[33]](#footnote-33). As *imagens* são as responsáveis diretas pela obtenção do conhecimento confirmado (*martýrion*), tendo no vazio, ou na “natureza intangível” (*anaphè phýsin*), o que condiciona o “voejar” dos átomos e sua impressão nos sentidos. Neste processo de vibração (*apopalmós*) experimentado pelos conglomerados (*athróisma*), as réplicas que se desprendem dos objetos, reproduzem figurativamente suas cavidades (*koilomáton*) e suas superfícies (*leptotéton*) – como uma estrutura atômica objetiva, constituída somaticamente. Escreve Epicuro:

existem imagens da mesma forma que os [corpos] sólidos, mas que pela sua sutileza, se afastam grandemente dos corpos aparentes [*phainoménon*]. Porque os objetos são capazes de produzir em seu espaço envolventes emanações e figurações de tal classe que produzam suas cavidades e suas superfícies.[[34]](#footnote-34)

Faz-se necessário, portanto, a compreensão desse momento da gnosiologia epicúrea. Tanto Epicuro como Lucrécio chamam atenção para o teor do tema a ser tratado em suas obras no que tange ao conhecimento. Para os incapazes de “examinar com precisão cada um dos tratados mais longos”[[35]](#footnote-35), devido à complexidade e extensão de sua obra, é que Epicuro escreve a Heródoto sua pequena *Carta*; já Lucrécio, entendendo ser “um tema obscuro”[[36]](#footnote-36) o que é narrado no Livro IV[[37]](#footnote-37)da *Da Natureza*, expõe suas ideias concernentes à produção das imagens, “ungidas, por assim dizer, do doce mel das Musas”[[38]](#footnote-38), ou seja, trata-se de uma descrição de forma poética[[39]](#footnote-39) ao modelo romano, com isso, na compreensão de Lucrécio, ao mesmo tempo em que o leitor se encanta com a métrica dos versos, compreende, também, essa doutrina de sublime importância .

Deve-se notar, a princípio, que Epicuro ao descrever o processo de “formação das imagens” (*génesis tà eídola*), já no início de sua narração sobre o tema (§§ 46-50), compara a velocidade da formação das imagens com a velocidade do próprio pensamento (*noémati*). Epicuro argumenta que tal velocidade se explica pela natureza da composição das imagens – compostas de átomos finíssimos (*leptótesin*) – e pela não resistência (*ouk antikopé*) a seu movimento infinito, mediante o espaço que não oferece resistência. O que Epicuro estabelece é que o constante fluir (*reúsis*) das réplicas (*typoí*), provenientes dos corpos sólidos (*steremníois*), não encontrando resistência alguma no espaço, acabam por golpear (*týptein*) a faculdade da sensibilidade, sem perder a própria estrutura física dos corpos compostos (*atróisma*), donde desprendem-se as réplicas, que desencadeiam as representações. Este princípio de emanação somática não é novidade da gnosiologia epicúrea, mas já se encontra do pensamento de Demócrito: “em Demócrito, quanto à forma, a emanação é igual às coisas”[[40]](#footnote-40).

Essas películas (*týpoi*) se desprendem a partir da superfície do objeto (*hypokeiménon*) mediante o processo de vibração (*pláseos*[[41]](#footnote-41)) interna provocada pelos átomos. Essa vibração expele os *týpoi*, e esta é a causa da emissão das réplicas. Epicuro afirma que essas emanações somáticas conservam “a mesma disposição e a mesma sequência dos átomos dos corpos sólidos, dos quais provêm”[[42]](#footnote-42). Vale salientar, corroborando o princípio atômico que “o todo é corpo”[[43]](#footnote-43), que esse é um processo físico onde os corpos perdem constantemente “consistência”[[44]](#footnote-44) (*sýstasis*), isto é, perdem os átomos da superfície (*pláseos*) dos corpos. Os sentidos são incapazes de perceber (*oúk epídelos*) esta perda de “material”, porque o mesmo é sempre reposta sobre o *hypokeímenon*. A velocidade desse processo conserva o objeto tal como ele é em sua figurabilidade estética:

Assim, que por tal motivo preservam a aparência de unidade e continuidade, e conserva o conjunto de características dos objetos emissores, de acordo com o impacto medido de seu impulso, procedente da vibração interna que tinham os átomos no objeto sólido. Portanto, a imagem que captamos projetivamente com o entendimento ou por meio dos órgãos sensíveis, tanto da forma como de outros acidentes, é a forma mesma dos corpos sólidos, surgida de seu volume de conjunto ou também de algum resto de simulacro.[[45]](#footnote-45)

A natureza das imagens difere qualitativamente da natureza dos corpos compostos e tangíveis (*steremníois*), embora dispondo da “mesma forma” (*homoioschémones*): “portanto, existem imagens da mesma forma dos corpos sólidos, mas que se distinguem muito dos corpos aparentes por sua sutileza”[[46]](#footnote-46). Esta diferenciação, explica-se mediante o tipo de átomo que compõe os simulacros. Os simulacros (*eídola*) são designados por Epicuro como finíssimos (*leptótesin*)[[47]](#footnote-47), mas mantendo ainda suas três propriedades necessárias, a saber: a grandeza, a forma e o peso. Lucrécio também fala sobre a natureza das réplicas: “agora, aprende quão tênue é a substancia de cada imagem, porque os elementos estão tão baixo dos nossos sentidos e são tão mais pequenos (sic) do que os objetos que os nossos olhos começam a não poder distinguir”[[48]](#footnote-48).

A afirmação de que os átomos vibram no interior dos corpos sólidos (*steremníou*) e produzem os desprendimentos somáticos ou os arquétipos (*týpoi*) dos corpos compostos, explica a emanação destes modelos ou réplicas dos corpos aparentes (*phainoménon*) que golpeiam a faculdade da sensibilidade numa velocidade e lapso de tempo inapreensível (*aperinoéto chrónos*) para o pensamento, “no entanto, o movimento [das réplicas] que se realiza no vazio sem nenhum choque com impulso contrário (*apokatástasis*), leva-as a percorrer qualquer distância em uma duração incompreensível”[[49]](#footnote-49). É a partir deste processo físico de sucessão ininterrupta das réplicas e de propagação das mesmas até os órgãos da percepção, que se dá o processo de formação figurativa das imagens na gnosiologia epicúrea, isto é, esta formação imagética (*phantásma*) que na teoria epicúrea do conhecimento constitui o dado por excelência do conhecimento. A superação da percepção e o estabelecimento do conceitual vêm de par com o acabamento do processo acima descrito.

**REFERÊNCIAS**

ARISTOTELES. *Metafísica*. Tradução REALE, Giovanni. Tradução para o português de PERINE, Marcelo. Edições Loyola, 2002.

BIGNONE, Ettore. *Epicuro*: opere, fragmmenti, testimonianze sulla sua vita, Bari: Gius. Laterza & Figli. 1920.

BOYANCÉ, Pierre. *Lucréce et l'épicurisme.*Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

BRUN, Jean. *O Epicurismo*. Tradução: PACHECO, Rui, Edições 70: Lisboa. 1987.

ÉPICURE. *Lettres, maximes et sentences*. Tradução: BALAUDÉ, Jean-François. Paris: Le Livre de Poche, 1994.

EPICURO. *Lettre à Hérodote*. *In*:  “La lettre d’Épicure”. Tr.: BOLLACK, Jean; BOLLACK, Mayotte; WISMANN, Heinz. Les Éditions Minuit: Paris, 1971.

FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro.* Tradução: JORGE, Edmond. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1968.

GUAL, Carlos García. *Epicuro*. Alianza Editorial: Madrid. 2002.

ISIDRO, Pereira, S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego.* 8 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa. 1998.

LAÊRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: KURY, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB, 1988.

**LUCRÉCIO. *Da Natureza*, In: Coleção os Pensadores, Tradução e notas de Agostinho da Silva.** Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, M. Aurélio. **1ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1973.**

NIZAN, Paul. *Os Materialistas da Antiguidade*.Tradução: ALVES, Maria Helena Barreiro. Lisboa: Editora Estampa. 2ª. ed. 1977. p.

PESCE, Domenico. *Introduzione a Epicuro*. Editori Laterza: Bari. 1981.

PESCE, Dominico. *Saggio su Epicuro*. Bari: Laterza. 1974.

PLATÃO, *Diálogos III: Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon*. Tradução, textos complementares e notas: BINI, Edson. São Paulo: EDIPRO. 1 Ed. 2008.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga III*: Os sistemas da era helenística. Tradução: PERINE, Marcelo. São Paulo: Loyola, 4ª ed. v. 3. 1994.

USENER, Hermann. *Epicurea*. Leipzig: Teubneri. 1887.

1. Originalmente “A Sensação (*Aísthesis*)” Primeiro Capítulo da monografia: “Considerações sobre a gnosiologia epicúrea” desenvolvida na Universidade Federal do Cariri. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: marcos [damasioufc@gmail.com](mailto:damasioufc@gmail.com). [↑](#footnote-ref-2)
3. A proposta da *Carta a Heródoto*, portanto, é fornecer, aos “incapazes” (μὴ δυναμένοις) de estudar de forma aprofundada seus escritos que versam “Sobre a Natureza” (περὶ φύσεως), uma visão do todo (ἀθρόας ἐπιβολῆς) e não das particularidades μέρος (DL, X, 35). Para mais detalhes cf: LAÊRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: KURY, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB, 1988 (Doravante abreviado para DL, X). [↑](#footnote-ref-3)
4. Além da *sensação*, Diógenes Laércio também considera como “critérios da verdade”, para Epicuro, as *antecipações* e as *afecções*: “κριτήρια τῆς ἀληθείας εἶναι τὰς αἰσθήσεις καὶ προλήψεις καὶ τὰ πάθη”. (DL, X, 31). Já os discípulos de Epicuro acrescentam “as representações intuitivas do pensamento”, “τὰς φανταστικὰς ἐπιβολὰς τῆς διανοίας” (Tradução levemente modificada). [↑](#footnote-ref-4)
5. EPICURO. *Lettre à Hérodote*. In:  “La lettre d’Épicure”. Tr.: BOLLACK, Jean; BOLLACK, Mayotte; WISMANN, Heinz. Les Éditions Minuit: Paris, 1971. p. 74. §38 (abreviado para LH)] [↑](#footnote-ref-5)
6. “"πᾶσα γάρ," φησίν, αἴσθησις ἄλογός ἐστι καὶ μνήμης οὐδεμιᾶς δεκτική” (DL, X, §31, tradução levemente modificada). [↑](#footnote-ref-6)
7. DL, X, §146, XXIII. [↑](#footnote-ref-7)
8. É nessa relação sujeito-objeto que se torna possível o contato dos corpos. O som, a título de exemplo, nasce do impacto (*páthos*) entre o órgão auditivo do sujeito e as partículas, como nos diz Diógenes, “o ouvir principia por uma corrente de ar [*pneúmatos*] que se desprende a partir daquilo que emite a voz, ou o som”, isto é, a partir do próprio objeto, até alcançar ao ouvido, onde se produz a impressão auditiva (DL, X, 52). [↑](#footnote-ref-8)
9. DL, X, §32. [↑](#footnote-ref-9)
10. DL, X, §147, XXIV. [↑](#footnote-ref-10)
11. Isto é, operações desnecessárias da ψυχή e retiradas de valores não naturais, ou seja, que não levam em conta o critério da sensação. Daí a importância da *Canônica* epicuréia para estabelecer critérios válidos para essas operações. [↑](#footnote-ref-11)
12. DL, X, §34. [↑](#footnote-ref-12)
13. DL, X, §31. [↑](#footnote-ref-13)
14. DL, X, 32 “οὐδὲ ἔστι τὸ δυνάμενον αὐτὰς διελέγξαι”. [↑](#footnote-ref-14)
15. **LUCRÉCIO. *Da Natureza,* IV, 479-480.** [↑](#footnote-ref-15)
16. DL, X, §32. [↑](#footnote-ref-16)
17. λόγος é o termo empregado por Diógenes Laércio no Livro X, já Epicuro usa διάνοια na *Carta a Heródoto*. [↑](#footnote-ref-17)
18. **LUCRÉCIO,** *Op. Cit*., **IV, 485-486.** [↑](#footnote-ref-18)
19. DL, X, §32. [↑](#footnote-ref-19)
20. O ἄλογον diz respeito ao “não discursivo”, e nunca ao “absurdo” ou o “incompreensivo”. [↑](#footnote-ref-20)
21. PLATÃO. *Fédon*. 79 c. [↑](#footnote-ref-21)
22. ARISTOTELES. *Metafísica*. A 1. 981a 16-17. “ αἴτιον δ' ὅτι ἡ μὲν ἐμπειρία τῶν καθ' ἕκαστόν ἐστι γνῶσις ἡ δὲ τέχνη τῶν καθόλου”. [↑](#footnote-ref-22)
23. ARISTOTELES. *Metafísica*. 981b 10-15. [↑](#footnote-ref-23)
24. “τὸ δὲ ψεῦδος καὶ τὸ διημαρτημένον ἐν τῷ προσδοξαζομένῳ ἀεί ἐστιν” (LH, §50, tradução levemente modificada). [↑](#footnote-ref-24)
25. CÍCERO, *Nat. deor.,* I, 25, 70 [↑](#footnote-ref-25)
26. LH, § 40. [↑](#footnote-ref-26)
27. Diz-se do ἄδηλον, sobretudo o *átomo* e o *vazio*, ou seja, o que é “impenetrável”, o que esta fora da confirmação (μαρτύριον) pelos sentidos, mas que é inferido por analogia ao visível. [↑](#footnote-ref-27)
28. SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, VII, 203-210. [↑](#footnote-ref-28)
29. LH, § 46. [↑](#footnote-ref-29)
30. Epicuro utiliza três termos na *Carta a Heródoto* para se referir a esse impacto dos átomos, a saber: πάθη, “impacto”, συγκρούσεως, “choque” e ἀντικοπέ, “resistência”. [↑](#footnote-ref-30)
31. VOFI*,* Livro X, §53. [↑](#footnote-ref-31)
32. A expressão “ σώματα καὶ κενόν” não aparece no texto grego nem na obra de Jean Bollack “La lettre d’Épicure” texto central consultado nessa pesquisa, mas é preservada no texto grego da edição de H. S. Long, Oxford 1964 ΒΓΦΕ. Já na Carta a Pítocles, no §86 aparece a expressão: οἷον ὅτι τὸ πᾶν  
    σώματα καὶ ἀναφὴς φύσις ἐστίν, isto é: “o todo é corpo e natureza intangível”. [↑](#footnote-ref-32)
33. **Lucrécio.** *Op. Cit*. **IV, 35-36.** [↑](#footnote-ref-33)
34. DL, X, §46. [↑](#footnote-ref-34)
35. DL, X, §35. [↑](#footnote-ref-35)
36. **Lucrécio,** *Op. Cit*., **IV, 7.** [↑](#footnote-ref-36)
37. Nesse livro Lucrécio anuncia já no início que tratará das imagens dos objetos, doutrina essa que aterroriza os despreparados. [↑](#footnote-ref-37)
38. **Lucrécio,** *Op. Cit*., **IV, 21-22.**  [↑](#footnote-ref-38)
39. Ambos os autores dispõem de métodos para transmissão de suas doutrinas. Epicuro recorre a um “compêndio de toda a doutrina” (ἐπιτομὴν τῆς ὅλης πραγματείας), ou seja, um resumo em formato epistolar, já Lucrécio recorre à “graça das Musas”, isto é, ao método poético. [↑](#footnote-ref-39)
40. DEMÓCRITO. *Os Pré-socráticos*. In: Coleção Os Pensadores. Tradução: SOUZA, José de; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida; *et. al*. São Paulo: Abril Cultural, 1 ed. p. 282. [↑](#footnote-ref-40)
41. pla,sewj na edição do texto grego do Bollack e pa,lsewj em BGFE,. [↑](#footnote-ref-41)
42. DL, X, §46. [↑](#footnote-ref-42)
43. “ τὸ πᾶν ἐστι· σώματα” (LH, § 39). [↑](#footnote-ref-43)
44. O conceito de σύστασις não diz respeito a οὐσία nos moldes aristotélico, mas sim “agrupamento”, “confluência”, “consistência”. O termo epicúreo correlato a οὐσία é φύσις, o qual faz referência àquilo que é, ou seja, o ser existente e essente. [↑](#footnote-ref-44)
45. VOFI*,* Livro X, §50. [↑](#footnote-ref-45)
46. “Καὶ μὴν καὶ τύποι ὁμοιοσχήμονες τοῖς στερεμνίοις εἰσί” (LH, § 46, tradução levemente modificada) [↑](#footnote-ref-46)
47. λεπτότησιν de λεπτότης, “finura”, “delicadeza”, “sutileza”. [↑](#footnote-ref-47)
48. **Lucrécio,** *Op. Cit*., livro **IV, 110-115.** [↑](#footnote-ref-48)
49. ἀπερινοήτῳ é traduzido por Bollack por “la pensée n’embrasse pás”, ou seja, aquilo que “o pensamento não pode abraçar”. Diz-se do que está fora do alcance do entendimento (LH, § 46). [↑](#footnote-ref-49)